

Dr. August Konkell, Crônicas, Sessão 13, Salomão, o Construtor do Templo

© 2024 Gus Konkell e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. August Konkell em seu ensinamento sobre os livros de Crônicas. Esta é a sessão 13, Salomão, o Construtor do Templo.

Encerramos a nossa última sessão com David dando à Assembleia de Israel o mandato necessário para apoiar Salomão no esforço de construção do templo.

Então, avançamos hoje com o reinado de Salomão. Na opinião do Cronista, há toda uma nova era que começa com o reinado de Salomão. Isto já fica evidente no discurso de Davi no capítulo 28.

Davi diz que Deus designou Salomão para ser o sucessor no meu trono, e ele relaciona isso com a palavra hebraica shalom. Essa pode ser uma palavra com a qual você está familiarizado, mas os hebreus a usam de várias maneiras diferentes. Mas, essencialmente, significa paz num sentido bastante abrangente.

Assim, com Salomão, o Cronista vê o início de uma nova era. É a era misteriosa de paz e descanso. Davi não se qualifica para construir o templo porque era um homem de guerra e derramou muito sangue.

Agora, é interessante que o Cronista aprove, essencialmente, a expansão do império por parte de David, que é uma guerra de agressão. Assim, embora os amonitas e os arameus tivessem atacado Israel, David, ao conquistá-los, estendeu o controle do seu território até à área da Síria e por toda a volta de Amom, Moabe, Edom e Filístia. Então esse se torna o império de Davi, e ele ganha esse império pela conquista e pela guerra.

O Cronista indica implicitamente que há uma questão moral. Davi é um homem que derramou muito sangue e, portanto, não se qualifica para construir o templo. Mas agora temos Salomão, e o seu nome lembra-nos a paz. ele é quem agora representa o descanso de Deus, e então é quem se qualifica para construir o templo, que simboliza o reinado de Deus.

Assim, em nosso esboço de Crônicas, passamos para uma seção totalmente nova. A primeira seção de Crônicas tratou da identidade da nação e depois do estabelecimento do reino e dos preparativos para o templo. Agora chegamos ao templo propriamente dito, e isso começa com o reinado de Salomão.

Assim, o próximo grande bloco de Crônicas, até o final do capítulo 9, tratará de Salomão, da construção do templo e da grandeza de seu reinado. Em Crônicas,

Salomão é um homem de paz. Salomão é um homem que , em todos os sentidos, representa os ideais do reino de Deus.

Não ouvimos nada sobre algumas das falhas de Salomão, que temos em Reis. Não é nessa parte que o cronista deseja focar. Em vez disso, ele quer que vejamos o plano de Deus e a intenção de Deus para o seu próprio reino.

Ao examinarmos todos esses primeiros nove capítulos, podemos não perceber imediatamente que realmente existe uma estrutura neles. Às vezes chamamos isso de estrutura quiástica ou estrutura do tipo palíndromo, na qual o ponto com o qual você começa é também o ponto com o qual você termina. E você desenvolve em direção ao ponto principal e depois repete o tópico no caminho de volta.

Esse é o tipo de estrutura que apontaremos de vez em quando. Já vimos isso na apresentação de David pelo cronista. Pode ser que isso seja realmente um dispositivo mnemônico, que seja uma forma de lembrar o conteúdo, o material e poder identificar onde ele está.

Mas o que temos é Salomão, começando com Salomão. Ele é uma pessoa que busca o Senhor, e já apontamos a importância da palavra buscar no esquema das coisas do cronista. Depois temos a visão em Gibeão, onde Salomão recebe o dom da sabedoria, uma declaração sobre o poder, a riqueza e a influência de Salomão.

Depois, o ponto principal, e podemos ver que este ocupa praticamente tudo sobre Salomão, a construção do templo. E então, ouvimos mais sobre o grande comércio e riqueza de Salomão. Vemos a sua notoriedade internacional com a visita da Rainha de Sabá da região da Arábia, e depois a conclusão da sabedoria e da riqueza de Salomão.

Então essa é mais ou menos a estrutura que o cronista utiliza para apresentar seu Salomão. Ele também utiliza uma estrutura semelhante para apresentar a própria construção do templo. Assim, começamos com o fornecimento de mão de obra e materiais no capítulo 2. A estrutura e seus móveis foram dados a ele por Davi.

A dedicação do templo, a dedicação do povo. Aqui está a consagração do templo e a lembrança da sua função, onde obtemos algumas das advertências sobre a desobediência, a infidelidade à aliança que tínhamos antes. E então voltamos à forma como os materiais e tudo mais foram fornecidos para Salomão.

Então, começamos aqui com os preparativos para o templo. Outro desses quiasmas é onde vemos o recrutamento da força de trabalho no capítulo 2, versículo 2. A carta de Salomão para Hiram em 2:3 a 10. A resposta de Hiram a Salomão e depois a força de trabalho estão no capítulo 2. Então aqui nós temos a estrutura do templo e seus móveis que nos são dados no capítulo 3, versículo 1 ao capítulo 5, versículo 1. Temos

a fundação do próprio templo, onde o cronista nos dá uma informação que lhe é exclusiva.

Aqui ele remonta ao Gênesis e à história de Abraão e da prova com a entrega de seu único filho, Isaque, como um presente a Yahweh. E isso acontece no Monte Moriá. Agora, a geografia real e a localização do Monte Moriá não são evidentes em Gênesis, mas o cronista identifica aquela montanha com a mesma que Davi havia designado para o local do templo na eira onde a praga foi interrompida.

E assim, o templo será construído naquele monte. Podemos compreender porque, na tradição, esta se tornou uma colina muito, muito desejada e sagrada para todas as pessoas de fé judaica e de origem judaica nos tempos modernos. É claro que, como bem sabemos, foi tomado pelos muçulmanos e eles construíram o seu próprio santuário no topo daquela colina, o que resultou num conflito perpétuo entre os dois grupos, especialmente ao longo do muro das lamentações, onde o O povo judeu ainda pode vir orar.

O muro das lamentações é essencialmente o que resta de algumas das fundações do templo tal como Herodes o construiu. Então, é o mais próximo que eles conseguem chegar do Monte Moriá, como o cronista aqui chama. Depois temos toda a estrutura do templo que nos é dada em 3 versículos 3 a 7 e os móveis do templo, que estão nos capítulos 3 e 4. Então, aqui quero passar para outro PowerPoint para falar um pouco sobre a estrutura do templo e sua função, bem como a forma como Davi o entregou a Salomão.

Para fazer isso, voltarei ao livro de Êxodo porque o templo de Salomão foi realmente projetado e modelado nos moldes do Tabernáculo. São todas as mesmas dimensões. Possui todas as mesmas estruturas e características do simbolismo.

É um pouco maior. Agora, pelos padrões romanos de construção de templos, o templo ainda era um espaço pequeno, mas certamente era muito, tinha o dobro do tamanho do tabernáculo. Então, esta é a estrutura essencial do Tabernáculo, do jeito que era no deserto, e o templo de Salomão foi projetado exatamente nesta mesma linha.

Então, do lado de fora, o que você tem é o pátio do tabernáculo. Esta era uma cortina murada. Mas é claro que, na construção de Salomão, tudo isso se tornou o pátio externo de um muro.

E então, dentro desse pátio, posicionado precisamente de forma simétrica, estava o próprio edifício. Então, isso representa o leste. Infelizmente, o sul e o norte deveriam ser invertidos neste slide.

Isto representa o leste. E o lado leste do edifício ficava no centro do pátio. No caso do tabernáculo, tínhamos então o edifício, que no caso do tabernáculo era portátil e móvel, tendo 30 côvados.

Portanto, o espaço mais sagrado na parte de trás do tabernáculo, onde residia o trono de Deus, tinha precisamente 10 côvados por 10 côvados por 10 côvados. No templo de Salomão, isso é duplicado. Então isso se torna 20 côvados por 20 côvados por 20 côvados.

E isso, em vez de 20 côvados, é 40 côvados. Em frente à cortina está o altar do incenso, que representa a presença de Deus, que está na cortina atrás. E, claro, o incenso é gerado não apenas diariamente para lembrar a todos da presença de Deus, mas especialmente quando temos o Dia da Expição. O incenso que é jogado sobre o altar é uma proteção contra a glória do lugar santíssimo.

Então, o padre está protegido. Então o que temos é a mesa dos pães, que mostra a provisão de Deus dentro da sua criação. E temos a menorá, ou o castiçal ramificado, que dava luz.

Assim, como veremos, especialmente no nosso próximo conjunto de apresentações, tudo isto pretende representar a criação. O objetivo é representar o fato de que Deus está presente em sua criação, mas na verdade não tem nenhum tipo de presença física ali. Pelo contrário, ele pertence ao santo.

O sagrado é simplesmente outra dimensão. O sagrado é uma dimensão que não está limitada pelas únicas dimensões que conhecemos, tempo e espaço. Medimos tudo em termos de espaço porque somos seres corporais.

Vivemos em um mundo físico. Portanto, medimos não apenas a Terra em termos de espaço, mas medimos os planetas além da Terra em termos de espaço. Estes são os mesmos tipos de termos que usamos para medir a própria Terra.

É meio irônico como fazemos isso em termos de falar sobre o espaço além da Terra. Usamos o tempo. E mais uma vez, esta é uma limitação que simplesmente não pertence ao sagrado.

Não pertence. Não é uma dimensão relevante. E o que realmente é o tempo? Bem, Gênesis 1, versículo 14 nos diz que horas são.

É algo que nos foi dado como presente por Deus. Deus colocou o sol e a lua no lugar, e eles iluminam. Mas com isso podemos medir as estações e as horas.

E como humanos, somos obrigados a viver de acordo com o tempo. O tempo para nós, então, é medido em termos de um ano pela órbita da Terra em torno do Sol,

que só conhecemos olhando para as estrelas, que permanecem nas suas posições fixas no que diz respeito à nossa Terra. Então, é realmente tudo muito relativo.

Toda a maneira como falamos sobre espaço e tempo é completamente relativa à maneira como fazemos as coisas aqui na Terra, que é a única maneira de podermos fazê-las. Os israelitas disseram que há outra dimensão. Existe uma dimensão que é chamada de sagrada.

E a dimensão, que é o reino do sagrado de Deus, é aquela em que o tempo é criado, em que o espaço é criado. Assim, o tempo e o espaço são representados por esta parte do templo de Salomão, mas o sagrado está completamente separado. E como veremos, esta santidade no caso do templo é representada pelas trevas, apenas para mostrar que é outra dimensão que não depende da luz, da mesma forma que a terra depende da luz.

E é outra dimensão em que não medimos as coisas pela luz em termos de tempo. É apenas escuridão. Então, é uma esfera totalmente diferente.

É claro que é uma imagem, é uma metáfora, para tentar nos ajudar a compreender que somos totalmente dependentes de Deus. Deus que só podemos compreender em termos de nossas próprias limitações físicas como humanos. Só podemos compreendê-lo de uma forma relativa, no sentido de sua pessoa e de seu ser.

Podemos conhecê-lo, é claro, verdadeiramente. Podemos saber verdadeiramente o que Deus quer e o que Deus deseja de nós. Mas o templo é um lembrete constante do que é sagrado.

Mencionamos anteriormente a morte de Uzias. E essa foi uma punição tão severa pelo simples ato de tentar estudar a Arca porque os símbolos que vão representar o sagrado no reino do comum, a terra e a criação, e assim por diante, esses símbolos têm que ser conhecidos por não pertencem simplesmente às características desta terra. Esta Arca não é apenas mais uma caixa.

Agora, temos também no átrio exterior um grande altar de bronze onde são realizadas as ofertas. E então temos o que em Reis é chamado de mar. O Cronista não se refere a isso dessa forma.

O mar também parece ter uma representação simbólica em Reis, na medida em que representa a ordem a partir da qual a criação foi feita. O mar é identificado com aquilo que existe antes da criação, seja lá o que for. Mas em Crônicas esta é uma função muito mais prática, pragmática, que tem a ver com a limpeza em relação aos sacrifícios.

Depois, as dimensões da santidade estão implícitas em Crônicas, ao descrever detalhadamente o mobiliário do templo. Mas a própria sala do trono, que é o lugar santíssimo, é toda revestida de ouro. E os querubins são todos banhados a ouro.

E depois há o lugar santo e depois há o tribunal. Portanto, existem três níveis do templo. O lugar santo, é claro, é acessível apenas aos sacerdotes porque são apenas os sacerdotes que podem servir como mediadores entre nós, como pessoas finitas, e Deus.

A forma como o governo é representado nos tempos antigos, e o cronista vai falar sobre isso, é em termos do que a Bíblia chama de querubins. Estas são criaturas compostas: um boi e um leão, uma águia e um humano. Eles parecem representar um domínio sobre todas as áreas: a doméstica, a animal, a vida selvagem, as aves e a humana.

Esses querubins são familiares no antigo Oriente Próximo, porque sempre foram usados para representar domínio, governo e trono. E assim temos o mesmo tipo de coisa na descrição do templo de Salomão feita pelo cronista. Na verdade, estive ao lado desta criatura em particular no Museu Britânico.

É enorme. Minha cabeça se volta para esse animal. Foi transferido do Iraque para o Museu Britânico, na época do Império Britânico, quando eles moviam tudo ao redor do mundo da maneira que queriam.

Mas você pode ver aqui as asas da águia, os pés do boi e o corpo do boi, o, eu diria, o corpo do boi e as pernas de um boi, os pés de um leão, e então, claro, a cabeça da pessoa. E estes estavam no palácio de Assurbanipal. Mas isso era comumente conhecido na Palestina.

Esta é uma inscrição que vem da Palestina. Mas aqui está um trono que vem de Megido. E você pode ver como o trono foi desenhado e representado.

E a descrição em Crônicas nos sugeriria que esta é a ideia que estava por trás da maneira pela qual o governo de Deus deveria ser representado pelos querubins no lugar santíssimo. Os querubins no lugar santíssimo são enormes. O lugar santo tem 20 côvados de largura.

E as pontas dos querubins tocam os dois lados da parede. Então eles são absolutamente enormes. Aqui está um trono humano mais normal.

Aqui você tem o escabelo que, no lugar santíssimo do templo, será representado pela arca. Dentro da arca está a aliança. A aliança representa o relacionamento entre os humanos e Deus.

Ele contém as 10 palavras, às quais frequentemente nos referimos como os 10 mandamentos. Mas eles são realmente muito mais do que mandamentos. Eles afirmam os valores que são muito importantes para a vida e a família.

E o reconhecimento da santidade de Deus. Aqui você vê formando as laterais do trono, as asas da águia. Aqui você vê a cabeça do homem na frente da cadeira do trono.

E aqui está o corpo do leão. Neste caso, é o corpo que é o leão. E os cascos são o boi.

Mas você ainda tem as mesmas quatro criaturas: o boi, o leão, as asas e o homem. E então, é claro, o próprio rei está sentado no trono.

Então, esse tipo de imagem era familiar nos dias de Salomão. E sem dúvida, ainda é conhecido nos dias do cronista quando descreve o templo de Salomão. No entanto, o cronista adota o templo de Salomão e descreve o templo de Salomão como o encontrou em seus escritos bíblicos.

Como ele encontrou no livro dos Reis. Mais um diagrama de um querubim. Como podemos ver, essas inscrições apresentam vários tipos de formas.

Mas aqui está o escabelo, o corpo do leão, os pés de boi e assim por diante. As asas da águia. Então, o lugar santíssimo pode ter sido algo assim.

O que há de único no lugar santíssimo é que não há lugar para o trono. Não há necessidade de haver um assento para o trono porque tudo o que os querubins estão fazendo neste lugar santíssimo representa o domínio. Eles estão representando o domínio de Deus.

Assim, as asas do querubim se tocam no meio e depois tocam as duas paredes. E vemos ali o escabelo, que é a arca, que fica na frente do lugar santíssimo. E, claro, como sabemos, o topo da arca é banhado a ouro.

É chamado de kaphodet em hebraico. Mas kaphar , ou expiar em hebraico, é apenas uma forma de mostrar, de expressar que as transgressões contra a aliança, as falhas da aliança, podem aqui ser representadas como perdoadas. É por isso que há um dia de expiação quando o sangue é aspergido no topo do kaphodet .

A cortina é puxada, o incenso é jogado no altar e o sangue é aspergido no topo do kaphodet . Dentro, é claro, estão as tábuas e os querubins, que ficam dentro do lugar santíssimo. Portanto, isso não teria sido algo que as pessoas da época do Cronista teriam realmente visto.

Agora o templo foi reconstruído, foi restaurado. Não sabemos nada sobre a arca no período do segundo templo. Então, exatamente qual era a réplica do templo quando foi restaurado, não sabemos.

Mas isso não é tão importante para o cronista quanto o fato de tudo o que ele simboliza. Nas escrituras, eles sabiam que a vida está no sangue. Portanto, o resgate, a pena que pode ser paga pela transgressão da aliança contra aquele que dá a vida, é representado pelo sangue.

E o dia da expiação é uma forma pela qual todo o povo, toda a nação de Israel, é expiado pelo sacerdote ao aspergir o sangue no topo do altar ou do kaphodet . Assim, à medida que o cronista passa pelos vários reis e pelos vários momentos em que essas celebrações são observadas em sua época, são esses conceitos que devem ficar claros. Eles não são apresentados explicitamente nas crônicas e, na verdade, não são apresentados explicitamente em lugar nenhum.

Veremos que os Salmos fazem muito mais alusão a algumas dessas coisas. No entanto, este é o simbolismo do templo. E, claro, para nós, como cristãos, todos esses símbolos se cumprem na pessoa de Jesus Cristo, como o escritor aos Hebreus se esforça para apontar.

Assim, o escritor aos Hebreus deixa claro que Jesus é o Cordeiro. Jesus é quem fornece o sangue redentor. Jesus é o templo.

Jesus é o lugar santíssimo. Não é uma alegoria. O templo não é uma alegoria em termos de cada parte do templo representando algum aspecto diferente de Jesus.

Pelo contrário, o próprio Jesus na sua pessoa, ao tornar-se um de nós como humano, representa tudo o que o templo representava. É por isso que Jesus pode dizer em João capítulo 2, destrua este templo, e em três dias eu o levantarei. Os discípulos entenderam que o templo representava o seu corpo.

E assim, para os cristãos, o corpo de Jesus dispensa a necessidade de qualquer representação física que esteve presente em tempos anteriores e nos dias do cronista. Assim, ao lermos Crônicas, de certa forma, o significado e o significado da expiação, o significado e o significado da obra de Jesus na cruz, pretendem ser uma iluminação para nós. Para nos ajudar a entender como podemos ter um relacionamento com o Deus santíssimo.

Embora sejamos finitos, mesmo que não consigamos cumprir a sua aliança da maneira que deveríamos, esta é uma forma de representar como a misericórdia de Deus pode operar. Como o perdão pode ocorrer e como o relacionamento pode existir apesar de nossas falhas. O templo, como lemos sobre ele em Crônicas, não deveria ser apenas um edifício grandioso.

Porque em muitos aspectos, em termos humanos, em comparação com outros grandes edifícios do passado antigo, não era assim tão grande. Era um edifício magnífico. Estava coberto de ouro.

Tinha os querubins gravados nas paredes por toda parte do interior do lugar santo, como diz o cronista, ali estava a árvore da vida. Representava toda a criação. Era um lugar magnífico.

Para o cronista de sua época, isso era extremamente importante. Então, o templo precisava ser construído, e sua função, a adoração, precisava acontecer.

E sua dedicação à importância disso é vista no fato de que é disso que se trata a nossa vida. Nossa vida neste mundo é mostrar a presença e a glória de Deus. E fazemos isso conforme apropriado ao nosso tempo.

E no tempo do cronista, a forma como isso acontecia era através da representação de Deus no seu templo e do seu povo ao seu redor, dando-lhes louvor. É por isso que grande parte do livro de Crônicas é dedicada ao templo e a grande maioria da vida de Salomão é dedicada ao templo. Este é o Dr. August Kunkel em seu ensinamento sobre os livros de Crônicas.

Este é o Dr. August Konkel em seu ensinamento sobre os livros de Crônicas. Esta é a sessão 13, Salomão, o Construtor do Templo.